PROMETEUS * VIVA VOX
FILOSOFIA EM REVISTA
Ano 4 - no. 3 fevereiro/2008 ISSN 1807-3042

VIVA VOX

Grupo de Pesquisa em Filosofia Clássica e Helenística

Universidade Federal de Sergipe

Contatos: vivavoxsergipe@yahoo.com.br

http://musoniorufo.zip.net

RESENHA

O Manual de Epicteto: Aforismos da Sabedoria Estóica

Joelson Santos Nascimento[1]

ARRIANO, Flávio, O Manual de Epicteto: aforismos da sabedoria estóica, Trad. Aldo Dinucci, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007.

Encheirídion

Segundo o professor Aldo Dinucci[2], na introdução do livro, o termo grego significa um tipo de manual que pode ser levado no bolso ou um tipo de arma portátil, como por exemplo, um punhal. O livro foi composto por Flávio Arriano, um aluno de Epicteto, que compilou suas aulas, formando um total de oito livros, conhecidos como as *Diatribes de Epicteto*. Mais tarde, deu-se a criação, por Arriano, do *Encherídion*, que teve a idéia de fazer uma síntese dos pensamentos de Epicteto.

Além disso, a tradução do professor esclarece, nas notas explicativas, o pensamento da filosofia estóica e sua relação com Heráclito e Sócrates, os quais estão inseridos nos aforismos de Epicteto, o que, na maioria das vezes, é incompreensível para quem não possui a leitura necessária para o entendimento desses pensamentos. Isto torna o Manual acessível a todos e fiel ao objetivo de Arriano.

---

[1] Professor de Filosofia do Colégio Master (Aracaju), Monitor do curso de História da Filosofia Clássica e Helenística I e II e membro do grupo de pesquisa em estoicismo e literatura clássica, VIVA VOX.

[2] Bacharel em Filosofia pela UERJ, mestre e doutor em Filosofia Clássica pela PUC-Rio, professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe e coordenador do VIVA VOX.

O MANUAL

Nos aforismos I e II da tradução, Epicteto começa definindo quais são as coisas que estão e que não estão sob nosso controle. É a partir do entendimento dessas diferenças que a pessoa torna-se livre e feliz. O juízo, a escolha, o desejo e a repulsa estão sob o nosso controle; as honras, os cargos públicos, a reputação e o corpo não estão. Por exemplo: não depende de nós evitar a doença, mas depende a higiene; não depende a morte, mas depende uma vida tranqüila; não depende a pobreza, mas depende o trabalho. Ou seja, para sermos livres e felizes temos que retirar os obstáculos de nossas vidas, e estes são tudo aquilo que não depende de nós e que consideramos erroneamente como de nossa responsabilidade.

Nos capítulos III, IV e XII, Epicteto ensina-nos a sermos desapegados em relação às coisas *sedutoras* e *úteis* e a empreendermos com confiança todas as nossas ações, por mais simples que sejam, compreendendo a natureza delas.

Nos V e XVI, vemos que as nossas opiniões sobre as coisas são a causa de nossos medos e inquietudes. A morte, por exemplo, não é boa ou ruim, mas é ruim a opinião a respeito dela segundo a qual ela é ruim. Logo, a causa de nossas aflições somos nós mesmos. Analogamente, o aforismo XX afirma que os insultos e as agressões feitos pelos outros e direcionados a nós só podem abater-nos caso nossa opinião sobre os insultos for de que eles nos causam danos.

No VI e XLIV, afirma-se que o bom uso das impressões se dá quando não nos vangloriamos por uma *excelência* que pertence a outro. Possuímos um belo carro, e quando alguém o elogia, nos sentimos orgulhosos e exaltados por uma beleza que pertence ao carro, e não a nós. Por isso quando alguém diz que é mais rico do que nós, não devemos considerar que ele é melhor que nós por isto, mas apenas que possui mais bens materiais.

No VII, Epicteto nos compara às crianças que brincam na praia após uma pequena parada do navio que nos tem como passageiros. Não devemos nos desligar do navio por causa de alguns *peixinhos* ou de algumas *conchinhas*, pois, quando a comandante der a ordem de partida, seremos *içados* contra ou a favor da nossa vontade. A praia é a vida; os peixinhos e as conchinhas podem ser comparados à esposa e aos filhos que a vida nos dá; o navio é a morte; e o comandante é Deus.

No aforismo VIII, para que a vida possua um *curso sereno* temos de deixar as coisas acontecerem como acontecem. No IX se afirma que a nossa vontade não pode ser

impedida por coisas que não dependem de nós. No X, Epicteto diz que temos de descobrir quais são as nossas *excelências* em relação às coisas que acontecem conosco. Por exemplo, se o trabalho a ser feito é cansativo, temos a *perseverança*. No XI nos é dito que a vida e tudo que ela nos dá devem ser usadas como se pertencessem a outro. Nós somos *como viajantes em uma hospedaria*. No XIII se afirma que o *juízo alheio* não deve ser impedimento para progredirmos. Em XIV, nos é dito que desejar e repudiar as coisas que não estão sob nosso controle torna-nos escravos.

No XV a vida é comparada a um banquete onde nosso comportamento pode transformar-nos em *conviva dos deuses*. Já o XVII compara a vida a um *drama teatral* onde devemos aceitar o papel que nos é oferecido por outro. Caso não aceitemos o papel, conforme acrescenta o capítulo XXXVII, podemos tomar um para além da nossa capacidade, mas isto fará com que não executemos bem o papel aceito, e deixaremos de lado o papel que nos é possível executar com perfeição.

No XVIIII e no XXXII Epicteto afirma que os presságios não devem nos afligir, porque eles dizem respeito ao que não depende de nós: ao corpo, à fortuna, à reputação, aos filhos ou à esposa.

No aforismo XIX, nos é dito que não devemos abrir espaço para a inveja e o ciúme, pois crer que alguém é feliz por possuir poder ou consideração dos muitos é dar importância às coisas que não dependem de nós. O mesmo é expresso no XXIV e no XXV, onde é dito que se abalar por não ser convidado a um banquete ou não obter um cargo público é querer que o que não depende de nós aconteça.

No XXI se afirma que meditar sobre a morte durante cada dia de nossas vidas evita que nos tornemos mesquinhos e desmedidos. No XXII, XXIII e XLVI, nos é dito que ser filósofo é agarrar-se aos melhores princípios, agir de acordo com eles e não fazer a vontade depender de outra pessoa ou coisa. No aforismo XXVI nos é dito que podemos aprender a intenção da natureza verificando em que todos os homens concordam. Por exemplo: o filho de alguém morre, dizemos que é coisa natural. Se isso acontecer conosco, devemos manter a mesma opinião e não nos inquietarmos. No XXVII é afirmado que o mal não é uma realidade objetiva no mundo.

O capítulo XXVIII nos diz para não entregarmos o nosso pensamento ao primeiro que aparecer, pois, caso isto acontecesse, o insulto causado pela pessoa nos inquietaria. Essa recomendação de reserva é repetida várias vezes no pensamento epictetiano: para Epicteto deve-se antes ser que parecer. A exposição de si mesmo, por exemplo, quando se quer parecer aos outros filósofo ou frugal, faz desvirtuar o próprio sentido da

atividade filosófica, que é ser frugal ou filósofo para ser feliz e livre, e não para ser elogiado ou reconhecido pelos outros.

No aforismo XXIX, nos é dito que temos de examinar uma tarefa antes de executá-la, porque se não fizermos tal exame, empolgar-nos-emos no início, mas diante da primeira dificuldade abandonaremos a tarefa. Assim, seremos como crianças que ora são uma coisa, ora são outra, e como macacos que *tudo observa*m *e imitam*. O XXX e o XLII nos dizem que é preciso medir os deveres dos homens de acordo as relações: devemos obedecer aos nossos pais mesmo se eles são ruins conosco, pois a natureza o colocou como um pai, e não com um bom ou mau pai.

No XXXI nos é dito que temos de abandonar a idéia de que o bem e o mal estão nas coisas que não estão sob nosso controle, pois assim teremos uma concepção correta sobre os deuses.

O capítulo XXXIII faz várias recomendações para agirmos quando estivermos a sós e com os outros.

No aforismo XXXIV nos é dito que toda vez que formos impressionados por um prazer temos de refletir sobre o momento de o usufruirmos e a conseqüência da ação.

O XXXV diz para não nos envergonharmos de praticar uma ação correta mesmo contra a opinião dos outros. No capítulo XXXVI é afirmado que certas ações podem ter sentidos diversos: em relação ao corpo, faz sentido comermos até fartar-se. Mas, em um banquete, isto não faz sentido, pois temos de respeitar o nosso anfitrião.

O capítulo XXXVIII propõe uma regra: assim como nos cuidamos para não torcer o pé ao caminharmos, temos de empreender cada ação com segurança e cuidado para não ferirmos nossa faculdade diretriz, a razão. No aforismo XXXIX nos é dito que outra regra deve ser seguida: *a medida dos bens para cada um é o corpo*. Observando os limites, nunca ultrapassaremos a medida. O XL diz que as mulheres acima dos quatorze anos são valorizadas por mostrarem-se *prudentes e reservadas*, e não simplesmente por parecerem sexualmente atraentes. No XLI é dito que o excessivo cuidado com *as coisas do corpo* é sinal de incapacidade, pois deve-se cuidar em primeiro lugar da alma.

No XLII se afirma que é possível ficarmos calmos diante de uma ofensa se nós entendermos que o outro que nos ofendeu pensa estar agindo corretamente: assim, é o outro quem sofre e não nós. No aforismo XLV é dito que não devemos julgar os outros sem sabermos exatamente porque ele fazem isso ou aquilo. Exemplo: se encontramos alguém bebendo muito, não podemos dizer que ele bebe de modo ruim, mas sim muito, pois, antes de formarmos um juízo de valor sobre a pessoa, temos de compreender sua

opinião. O capítulo XLVIII trata das várias diferenças entre quem é filósofo e quem ignora a Filosofia: esperar ajuda de si mesmo é característica do filósofo; esperar ajuda das coisas exteriores é a característica do ignorante.

No XLIX e no L é dito que não é digno de elogios quem simplesmente compreende um pensamento filosófico, mas sim quem vive de acordo com ele. No LI se afirma que não devemos esperar por ninguém para corrigirmos a nós mesmos. Temos de agir agora, pois, se ficarmos apenas nos projetos de vida, não progrediremos. No LII é dito que existem três divisões necessárias na Filosofia. A primeira diz respeito às aplicações dos princípios; a segunda é sobre as demonstrações dos princípios; e a terceira trata das demonstrações. A divisão mais necessária é a primeira, mas, segundo Epicteto, preocupamo-nos antes com a última.

No LIII, último aforismo, Epicteto diz que temos de ter *na ponta da língua* a seguintes frases:

Conduze-me, Zeus, e tu também, Destino,
Para o posto ao qual um dia fui designado,
Que eu, diligente, vos seguirei – e se, mal me tornando,
Não o desejar, ainda assim vos seguirei.

Aquele que de modo justo, ceder à necessidade,
É, para nós, sábio e conhecedor das coisas divinas.

Críton, se assim é desejado pelos Deuses, que assim seja.

Anito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano.

Temos assim uma tradução que tem o objetivo de divulgar um pensamento que questiona os valores com os quais nós conduzimos a vida. O *Manual de Epicteto* confirma esse fato nos seus cinqüenta e três aforismos, pois, ao término de sua leitura, diversas indagações nos surgem quanto aos princípios morais que nos guiam.